

As entre-horas urbanas

por Sylvio Fraga Neto

Capturar imagens com uma máquina fotográfica consome apenas o tempo de apertar um botão. Porém, no campo das artes, podemos admitir que isso é análogo ao ponto final de um poema, à última nota de uma música, quem sabe à pincelada final sobre uma tela. Há poetas, por exemplo, que escrevem estrofes irretocáveis *alla prima* e produzem, no sentido mais rigoroso da expressão, poemas acabados. Mas existem artistas que perseguem o artesanato disciplinado da palavra, do acorde ou da imagem: como se escultores criassem a própria matéria-prima de sua obra para depois, com as mãos e os instrumentos de trabalho, modificá-la até o resultado final. Refletindo sobre o ato de compor, percebo que é exatamente assim que compreendo as fotografias de Patricia Thompson: imagens construídas e reconstruídas em plena prática da composição formal.

Bem ao contrário da concepção barroca do *horror vacui* — aversão ao vazio — a artista muitas vezes seleciona extensas lacunas que servem como elementos fundamentais na elaboração de suas fotografias. Nesse sentido, não posso deixar de recordar o grande João Cabral de Melo Neto: “*onde foi palavra / (...) resta a severa / forma do vazio*”. Este, de fato, é o tipo de vazio que está presente nas composições de Patrícia, sobretudo como manifestação de rigor estrutural. Eis que uma ampla parede branca adquire função crítica ao separar elementos do primeiro ao último plano da imagem, articulando-os em arejado diálogo geométrico e cromático. Em outro caso, muros escuros emolduram com rispidez um facho inclinado de luz, ao mesmo tempo propagando uma sucessão de cortes diagonais que o intensificam até a quase completa diluição entre ramos de vegetação. Por meio de seu enfoque urbano, a artista cultiva contrastes expressivos deste gênero, eliminando qualquer impressão de caos entre a imponência de sólidas edificações e a fragilidade real ou aparente de ralas copas de árvores.

Este é o outro aspecto essencial da fotografia de Patricia: a inserção de elementos sem organização geométrica rigorosa num contexto maior de arranjo visual. Há sempre elementos que atribuem um sentido de ordem à imagem: podem ser sombras alinhadas ou entrelaçadas, vidros trincados em padrão homogêneo ou até mesmo corriqueiras persianas. As imagens são quase sempre compostas por elementos passíveis de plena identificação, mas que transfigurados e assumindo outras possibilidades iconográficas, servem para gerar imagens inesperadas e ambíguas perante a realidade.

Tal processo está presente em todo o trabalho recente de Patricia: imagens cujo objeto principal é a forma não-representativa, embora elaborada a partir de elementos figurativos triviais, cujo estímulo visual é proporcionado simplesmente por tudo aquilo que ela vê caminhando pelas ruas em seu cotidiano. Decerto existem diferentes níveis nesta ação transfiguradora, através da qual elementos

representativos se tornam cada vez menos reconhecíveis, tangenciando limites radicais ao fixar reflexos difusos na superfície de vidraças, em sombras ora rígidas e hierarquizadas, ora líquidas e esquivas.

A fotografia de Patricia Thompson, embora primordialmente urbana e focada na interpretação abstrata de elementos representativos, pode ser — talvez contraditoriamente — resumida em seu belo auto-retrato. Ela se apresenta serena e compenetrada no ofício de sua arte, conferindo à imagem uma delicada textura de tela, uma tonalidade quente que evoca o século XVII na Holanda, os contornos diáfanos valorizados por ocasionais cintilações douradas, como nos Pré-Rafaelitas ou nos mestres da Belle Époque: quem sabe, misteriosa e singela homenagem aos séculos de pintura que antecederam a fotografia?

Sylvio Fraga Neto é crítico de arte, poeta e diretor do Museu Antônio Parreiras.

* Publicado na Santa Art Magazine #03 em Abril de 2009